

San Telmo, backpackers e outras globalizações

San Telmo, mochileros y otras globalizaciones

FERNANDO FIRMO

Universidade Federal da Bahía, Brasil

RECEPCIÓN: 31/03/2015 • ACEPTACIÓN: 20/11/2015

RESUMO O presente artigo visa contribuir com o debate acerca de outras formas de globalização a partir de uma etnografia no bairro de *San Telmo* sobre *backpackers* que aliam em suas experiências viagem e trabalho. O objetivo deles é viajar, capitalizar o necessário para estarem em movimento, circulando pelo globo. Portanto, aqui quero tratar de autênticos atores da globalização popular cujo foco são processos e agentes alternativos, não-hegemônicos, voltados, neste caso, para a experiência *backpacker* em *San Telmo*, no intuito de enriquecer a reflexão sobre esta globalização de baixo para cima.

PALAVRAS-CHAVE *San Telmo, backpackers*, outras globalizações, etnografia.

RESUMEN Este artículo pretende contribuir al debate sobre otras formas de globalización presentando una etnografía realizada en el barrio de San Telmo sobre *mochileros* que combinan en sus experiencias viaje y trabajo. Su objetivo es viajar al mismo tiempo que sacan provecho de esto para conseguir el capital necesario que les permita continuar en movimiento alrededor del globo. En este texto quiero hablar sobre estos auténticos actores de la globalización popular que ponen el foco en procesos y agentes alternativos

no hegemónicos y que en este caso desarrollan su actividad en el contexto de la experiencia *mochilera* en San Telmo, siendo mi intención enriquecer las reflexiones sobre la globalización desde abajo.

PALABRAS CLAVE San Telmo, mochileros, globalización, etnografía

Em *San Telmo*, zona histórica da capital Buenos Aires, o turismo se desenvolveu dentro de uma tendência patrimonialista que guarda semelhanças com outras cidades da América Latina no que tange a constituição de seus centros históricos (Arantes, 2006). Em várias localidades a revitalização de edificações de valor histórico-cultural é uma combinação de ações de atores públicos e privados girando em torno de uma crítica a modernidade e, aos setores mais progressistas da sociedade que planejaram, construíram e reformularam determinados espaços urbanos, destruindo seu passado, sua memória, ao veicular a ideia do velho, do antigo como sinônimo de atraso e decadência. Requalificar e «tombar» vários «centros históricos» na América Latina e alhures e conceder-lhes o título de patrimônio cultural local, regional, nacional ou da humanidade, nos mostra que atualmente ser moderno é ser antigo (Tamazo, 2002).

Cidades ou zonas históricas, encontraram no *genius loci* um triunfo para fazer frente à erosão de seu tecido socioeconômico e à perda da competitividade. A cultura, o passado, o tradicional, tornaram-se recursos acionados com vistas a reforçar a economia desses locais. Atualmente, os centros históricos assumiram uma posição central na nova sintaxe do espaço urbano, dando origem a uma metalinguagem do patrimônio cultural, além de propiciar que o passado seja refuncionalizado por meio de ações que podem variar desde políticas culturais e monumentalização da arquitetura até reinvenção de tradições e folclorização de certas práticas socioculturais (Tamazo, 2002). Assim, com a invenção do patrimônio cultural, a nostalgia pelas coisas antigas, em muitos locais, vem suplantando o desejo pelo progresso, sobretudo, na atualidade em que os bens culturais materiais e imateriais se mostram altamente lucrativos (Arantes, 2006).

Ao entrar nesta discussão é importante considerar que, se o patrimônio cultural pode trazer benefícios, pode trazer também danos sociais. O reconhecimento do valor arquitetônico e cultural desencadeou, em diversos locais, o processo conhecido como *gentrification* (empreendimentos econômicos em espaços tradicionais, transformando-os em setores de investimentos). São tão valorizadas as construções localizadas nesses espaços, que sofrem aumento

significativo em seu valor imobiliário. Em muitos casos, populações locais desocupam suas casas, ruas e bairros, reocupados por outras pessoas, que obviamente imprimem a eles, outros usos e valores. Os laços sociais existentes nesses lugares tornam-se valores irrelevantes se comparados ao poder econômico e político que entra em cena, quando certas localidades tornam-se patrimônios culturais, históricos e arquitetônicos (Arantes, 2006; Funari, 2007). O trabalho de Girola (2011), traz elementos que evidenciam como a patrimonialização cultural do bairro *San Telmo* (especialmente o tombamento arquitetônico) arrastou consigo a *gentrification*, atraindo investidores estrangeiros, interessados, sobretudo, na compra de imóveis para locação temporária a turistas.

Assim, a «patrimonialização cultural» é o que garante a valorização desta zona porteña (e de outros locais) desde 1990, dentro de uma estratégia política de consolidar Buenos Aires como a capital cultural da América Latina (Girola, 2011)¹. Junto a estas ações de patrimonialização, vieram a valorização do tradicional, do antigo, do «bairro» – categoria importante na Argentina no que diz respeito a sociabilidade, as relações vicinais, culturais, econômicas e políticas. Estas ações, em *San Telmo*, por um lado, cada vez mais conquistam o viajante *backpacker* (estudantes, *hippies*, artistas e artesãos de várias partes do globo) interessado em conjugar viagem e trabalho. Por outro lado, não deixam de atrair o famoso turismo de massa, o qual não me ocuparei diretamente, pois meu foco são *backpackers* oriundos de diferentes nacionalidades, que, friso mais uma vez, aliam experiências de viagem e trabalho. Minhas reflexões são orientadas pela vivência-e-pesquisa com um coletivo de jovens no *hostel* em que fiquei hospedado (por dois meses), na *Plaza Dorrego* e na *Feira de San Telmo*. Trata-se de um trabalho de observação direta que deu primazia ao vivido. Portanto, a presente etnografia é fruto de anotações sistemáticas em meu diário ao longo de 60 dias hospedado num *hostel*, como *backpacker*, frequentando a *Plaza Dorrego* e a *Feira de San Telmo* em diferentes horários e

1. Como coloca Girola (2011) em Buenos Aires e, mais especificamente, em *San Telmo*, encontraremos uma «invenção» da «história oficial». Um levantamento exaustivo desta história revela diversas leituras em relação a este local armando-se um quebra-cabeças no qual San Telmo tanto se constitui em arrabalde de Buenos Aires, cheio de malfeitores e desclassificados, como num lugar da elite, dos imigrantes e dos «heróis pátrios», dando-se ênfase a seu caráter fundador. São assim diversos os relatos que, a partir da «memória oficial», contribuem para a conformação das múltiplas facetas do lugar.

dias da semana. A ideia, pela fluidez destes atores, é buscar compor um perfil tomando como referência jovens na faixa etária entre 20 e 30 anos, originários de diferentes países (sobretudo, ingleses, franceses e italianos) que falavam espanhol com certa desenvoltura). Dentro do coletivo em que convivi, jovens do sexo masculino são a maioria, talvez pelo fato de que por ser um pesquisador, o acesso aos homens seja mais fácil, ou talvez, pelo fato de ser algo arriscado para uma jovem, viajar, às vezes, sem companhia, sem recursos financeiros e itinerário certo. Não pretendo traçar um perfil do ponto de vista quantitativo ou sociológico, explicitando indicadores socioeconômicos, pois o que interessa aqui é uma descrição, de perto e de dentro, compondo percepções, fluxos, encontros e confrontos, entre *backpackers* e nativos (que residem ou trabalham em *San Telmo*) capazes de aguçar a reflexão.

Este coletivo *backpacker* em trânsito pela região de *San Telmo* nos alerta para um entendimento deste bairro como fazendo parte de um mercado internacional cada vez mais onipresente, dentro de uma lógica de intensas trocas culturais permitida pelas diversas redes de hospedagens, meios de comunicação e de transporte mais velozes. Falo de um local que nas últimas décadas experimentou de forma densa e visceral, a um só tempo, a valorização do local e a transnacionalização da cultura (Ribeiro, 2007) para atender o turismo de massa.

Percebi isso etnograficamente durante o tempo em que residi em Buenos Aires (de fevereiro a junho de 2010). Minha morada na cidade ficava a poucas quadras da *Plaza Dorrego* na *Calle Carlos Calvo*, no coração de *San Telmo*. Historicamente o bairro concentra grande número de artistas e artesãos latinos e europeus, e mais recentemente, *backpackers* ora se fixando (para um emprego temporário) ora circulando, juntamente com turistas, pelos tradicionais cafés, bares, casas de tango, milongas, e especialmente, pela famosa *Feira de San Telmo* (patrimônio cultural argentino) que durante a semana concentra artistas/artesãos de rua e vendedores informais nas bordas da *Plaza Dorrego* e aos domingos toma conta do bairro inteiro.

Durante a semana a *Plaza Dorrego* é ocupada mais pelas mesas, cadeiras, guarda-sóis dos bares e cafés concentrados ao redor do local. Artistas e artesãos ocupam as laterais e a parte superior da praça, sobretudo, o piso em frente a *Rua Defensa*. Grande parte destes, chega no local perto da hora do almoço e aproveita o movimento rarefeito da tarde para trabalhar em seus artesanatos de couro, metal e tantos outros materiais. O movimento de turistas circulando pela praça, pelos bares e cafés não ultrapassa às 00:00 horas. Durante toda a

tarde, o local é tomado pelo tango (um dos bens culturais mais importantes na Argentina): cantores e dançarinos/as se revezam no palco improvisado na praça para atrair turistas. Estes pequenos espetáculos, geralmente, são acertados com o dono de algum bar ou café².

Aliás, bares e cafés da *Plaza Dorrego* são os estabelecimentos comerciais que mais contratam jovens estrangeiros (*backpackers*) para trabalharem como *mozola*, *mezerola*³. Este emprego temporário é almejado por muitos *backpackers*, sobretudo, quando pretendem estender a viagem ou quando não tem data para finalizá-la. Conheci vários *backpackers* que estavam viajando pela América Latina há anos. Em cada *parada* fazem de tudo para encontrarem um trabalho temporário no intuito de desfrutarem um pouco mais do lugar em que se encontram. Esta atitude contribui para o aprendizado da língua (para quem não fala espanhol, e o aperfeiçoamento para aqueles que possuem algum conhecimento), da história e cultura locais, além de um contato mais próximo e afetivo com nativos. Quando adquirem certa fluência no espanhol muitos *backpackers* passam a oferecer aulas de inglês, francês ou alemão para latinas/os ou mesmo espanhol para estrangeiros. Dentre quase 30 *backpackers* com os quais convivi durante 60 dias, viajar (e prover a viagem com o próprio trabalho) significa um «grito de liberdade», tanto das relações familiares, como das obrigações sociais esperadas, tais como um emprego fixo, aquisição de bens materiais, constituição de núcleo familiar... Ao menos, para este coletivo específico, e que me foi relatado, aceitar ajuda financeira familiar, é como assinar um atestado de incapacidade de gerência de uma vida cujos objetivos (econômicos e afetivos) são diferentes.

Voltemos a *Plaza Dorrego*. Depois da meia-noite, com grande parte das mesas e cadeiras já empilhadas, guarda-sóis fechados, artistas, artesãos, seus amigos e colegas (geralmente *backpackers* que estão de passagem ou que trabalham temporariamente nos bares e cafés) se reúnem no local. Cerveja e vinho não faltam graças aos *quioscos* nas redondezas da praça que funcionam

2. Além de um preço fixo pelo espetáculo os artistas contam com as gorjetas do público. Nos guias turísticos para estrangeiros, *San Telmo* é figurada como zona histórica de importantes e tradicionais casas de tango de Buenos Aires.

3. Estes contratos, de acordo com minha pesquisa, são realizados de modo verbal (oral). Geralmente cada *mozola*, *mezerola* tem uma diária fixa (ou salário semanal), acrescida de comissões (gorjetas) e trabalham em média 08 horas por dia. A maioria dos bares e cafés da *Plaza Dorrego*, abrem suas portas a partir das 12:00 horas.

24 horas. Cantando e «*charlando*» (às vezes, em uma sinfonia de vozes babilônica) estes diferentes personagens amanhecem no local. Tais encontros de pessoas e culturas diversas são propulsores para a formação de redes sociais (físicas e virtuais). São estas redes que proporcionam, como pude comprovar, a circulação global de pessoas, serviços e objetos.

Vejam os. É justamente nestes encontros fortuitos na calada da noite, entre artistas, artesãos argentinos/as e *backpackers* que diversas redes transnacionais são tecidas. Boas amizades são construídas, flertes, às vezes, se tornam romances/namoros, e levam meus companheiros (artistas e artesões que trabalham na praça) a atravessarem o oceano, tendo a garantia de um teto em uma terra desconhecida. Podem surgir também amores ou amizades que durem um giro até *Cuzco*, Peru. Durante estas reuniões, informações importantes são trocadas, tais como: empregos disponíveis nos bares e cafés de *San Telmo*, porteños/as alugando quartos por temporada para estrangeiros em suas próprias casas, *backpackers* anunciando aulas de inglês, francês, alemão para porteños/os. Sobre este ponto – aprender outra língua – isto parece ser algo recíproco: tanto porteños/as (e latinos/as de modo geral) querem aprender, sobretudo, inglês, como estrangeiros/as estão abertos para o espanhol. Dos/as colegas que trabalhavam nos bares e cafés ou na rua vendendo sua música ou suas *artesanías*, ouvi muito que a melhor maneira de se aprender outro idioma é por meio do namoro. Talvez seja por isso que dificilmente estes nativos com os quais convivi (sobretudo, artistas e artesões), se interessavam pelos seus pares. No entanto, este princípio de repelir conterrâneos/os também se aplicava com colegas *backpackers*, sobretudo, da Europa, que se interessavam, na maioria dos casos, pelas/os porteñas/os e latinas/os. Arrisco dizer que nesses jogos de sedução existem uma complexa economia do deslocamento movida pela logística de afetos transnacionais.

Sobre viajantes estrangeiros que se encontram nestas confraternizações ao ar livre é preciso pontuar algumas coisas. Pude constatar, nos meses em que vivi em *San Telmo*, que existe um coletivo de *backpackers*, sobretudo, oriundos da Europa, se movendo pela América Latina com objetivos distintos dos «turistas *home plus*» (Hanners, 1990: 254)⁴. Até aqui, usei de forma mais ou menos

4. Grande parte do turismo atual é do tipo *home plus* (Hanners, 1990). As pessoas

livre o termo *backpacker*, sem tradução, pelo fato de que trato, sobretudo, de viajantes europeus que são jovens (na faixa entre 20 a 30 anos) e geralmente se declaram «estudantes» (independente da escolaridade, do fato de estarem cursando ou terem terminado um curso de graduação, aliás do coletivo estudado por mim, todas as pessoas haviam, ao menos ingressado na faculdade) artistas e artesões de rua. Não possuíam bens materiais, renda ou emprego fixo, tampouco, se valiam de auxílios financeiros familiares.

Embora possam ser encontrados em muitos lugares do globo, em um número cada vez maior, *backpackers* ainda são um coletivo de difícil definição. Sua independência e a organização por redes talvez sejam os principais obstáculos para a admissão da ideia destes sujeitos enquanto grupo/comunidade. A pluralidade de motivações evocadas para justificar as viagens, também, pode ser entendida como mais um entrave. No entanto, definições que buscam considerar a própria fluidez do termo não deixam de ser ensaiadas, importando-se, sobretudo, com os seguintes aspectos: independência, economia, tempo, flexibilidade, respeito, contato e experiência. É a partir destes temas que Murphy (2001) estudou este fenômeno social na Austrália (país que mais investe no turismo *backpacker*) analisando a preferência pela acomodação em *hostels* e *campings*, o interesse dos *backpackers* em encontrar/conhecer pessoas, a forma independente de organização da viagem, a flexibilização nas decisões sobre a viagem, a longa duração da jornada e a participação em atividades locais e em trabalhos, na maioria das vezes, informais⁵.

Além disso, como pude observar, *backpackers* praticam um tipo de viagem,

viajam especialmente para ir a outros lugares, de forma que o cosmopolitismo que poderia estar potencialmente envolvido seria o das combinações de culturas territorialmente baseadas. Entretanto, este, «mais», a maioria das vezes, nada tem que ver com sistemas estrangeiros de significado, e tem muito mais a ver com a «natureza» socialmente construída, como belas praias ou montanhas com todo o conforto de um centro urbano, de suas próprias casas, incluindo, aí as preferências alimentares e a acessibilidade aos meios de comunicação.

5. Esta definição guarda semelhanças com a proposta de Cohen (1972) *apud* Murphy (2001) para conceituar o turista *drifter* (sem destino), como aquele turista internacional que não tem roteiro fixo, nem agenda programada e nenhum objetivo definido de viagem. Geralmente se hospedam em *hostels* ou *campings*. Tendem a se relacionar com as pessoas da localidade, utilizam meios de transporte coletivos ferroviários e rodoviários e, em sua maioria, são jovens.

na qual não se contentam em conhecer os lugares de forma distanciada. O contato (em um sentido quase etnológico da palavra) conectado à noção de *experiência* figura como o valor basilar de seus deslocamentos: não é a chegada a um determinado destino que importa; por mais bem estruturado para a recepção de visitantes que ele seja. Esses sujeitos parecem buscar um «algo a mais» que diz respeito ao contato, à proximidade: uma experiência referente às emoções, também, enquanto demanda (Trigo, 2010).

O *respeito* parece impor-se como elemento chave (quase sagrado nas relações de contato), que a um só tempo, é capaz de expressar um traço distintivo entre *backpackers* e turistas. De acordo com Richards e Wilson (2004), existe algo de contra-alienante na experiência nômade do *backpacker*, contrapondo-se a uma celebração da alienação própria da modernidade – velocidade, desrespeito, dominação –, sintetizada, segundo alguns *backpackers*, na imagem do turista *home plus* ou *de massa*. Assim, *backpackers*, deste ponto de vista, ao tomarem para si os valores mencionados, configurariam um tipo de rede *anti-tourism* (Welk, 2004), pelo menos no que diz respeito às dinâmicas de sua construção identitária enquanto viajantes.

Portanto, *backpackers* (que eu conheci) pela distância geográfica e socio-cultural estão interessados em viver uma *aventura* (Simmel, 1998). Ou seja, transformarem suas experiências de estranhamentos e descobertas em um experimento *quase* antropológico de aprendizados de si e do outro (Strathern, 1999). A saída do ambiente familiar, a fuga do cotidiano, associada à viagem livre, colocam o sujeito viajante em comunicação com ele mesmo. São muitos os relatos de *backpackers* (durante nossos encontros noturnos na praça ou no *hostel* em que vivi) que se sentiram estimulados a olharem para si mesmos a partir de um olhar dirigido ao outro⁶.

Aliás, os encontros fortuitos (descritos) que acontecem na praça entre *backpackers* e porteñas/os, que, às vezes, duram até o raiar do dia, são possíveis, sobretudo, pelo fato de *San Telmo* concentrar grande número dos *hostels* exis-

6. Sobre a possibilidade de se adquirir conhecimento durante as viagens, é importante destacar que esta não é uma ação nova. Dentro de tal perspectiva, estamos diante, portanto, de um tipo de pedagogia (Roche, 2003) muito decantada entre os nobres europeus de séculos passados (XVI, XVII e XVIII). A ideia, segundo Barretto (2003: 48), «era que os jovens – que depois viriam a exercer cargos na classe dirigente, civil ou militar – adquirissem experiência de vida, firmeza de caráter e preparação para a guerra».

tentes na cidade, facilitando a vida de artistas e artesãos argentinos (alguns, inclusive, moram muito distantes de *San Telmo*, e nas altas temporadas, passam semanas em *hostels*) *backpackers* que trabalham nos bares e cafés da praça, que vivem da arte ou que estão de passagem pelo local. Mais do que facilitar o deslocamento, e ser uma alternativa econômica, estes locais também criam complexas redes de relações.

Se um dos aspectos importante do deslocamento *backpacker* é a economia, como assinala Oliveira (2005), *hostels* e *campings* parecem ocupar uma posição central em tal experiência⁷. No entanto, é demasiado simplista tratá-los unicamente, como alternativas econômicas em relação aos hotéis ou às pousadas. O *hostel*, figurando de forma mais recorrente nas grandes cidades, e o *camping*, sendo encontrado de forma mais frequente na praia ou na zona rural, talvez possam ser entendidos como espaços de congregação de valores, sugerindo algo para além do aspecto econômico, como a proximidade e vivência da cultura local.

Acomodar-se em um *hostel* se constitui como uma experiência de proximidade cujo corolário seria uma dupla afetação. A primeira, relacionada ao contato estabelecido entre sujeitos viajantes, proporcionando um intercâmbio de experiências bastante válido para um coletivo que é protagonista em relação as suas viagens, no sentido do poder decisório e da possibilidade de mudança de planos no próprio curso do deslocamento. O segundo tipo de afetação é tributário do fato de ser o *hostel*, normalmente, um espaço frequentado também pelos «locais». Muitos *hostels* possuem em suas dependências bares, sala de jogos ou terraços, promovem festas ou churrascos, campeonatos de sinuca, onde a presença dos moradores do bairro é desejada. A relação com o *staff* (funcionários) que de forma geral é composto por pessoas da localidade que falam inglês, guarda igualmente o mesmo tom de proximidade: não é surpresa que, por volta da meia-noite, quando os bares dos *hostels* costumam fechar

7. Apesar de não me debruçar sobre este tema é importante mencionar que muitos *backpackers* dão uma conotação política relacionada a hospedagem e preferem optar pela proposta multi-colaborativa da rede social *Couchsurfing*. Fundada em 2004, esta é uma rede mundial de viajantes cuja proposta de viagem diferenciada tem atraído adeptos em 236 países. No ano de sua fundação, foram pouco mais de 6 mil inscritos; em meados de 2009, quase 700 mil; e atualmente, 1.725.695. Esta rede age como mediadora para o estabelecimento de uma relação de *reciprocidade* entre seus membros, para que cada um coloque, gratuitamente, suas possibilidades de acolhimento.

para não incomodar suas vizinhanças, *backpackers* e funcionários saíam juntos, na direção de clubes noturnos, *milongas* ou outros bares. Isto ocorre com frequência tanto em relação aos *backpackers* que estão de passagem quanto aqueles que trabalham como músicos, artesãos ou nos bares e cafés de *San Telmo*.

É válido frisar que tomar o *hostel* como um espaço de *congregação de valores* não significa considerá-lo lugar onde os conflitos não se manifestam. Sendo o albergue uma espécie de sítio, como afirmam Wilson e Richards (2004), marcado pela tentativa de aliar familiaridade e diferença, a possibilidade do conflito está sempre presente: seja em relação aos sujeitos mochileiros que não se desvencilham do seu *background* cultural, seja no que se refere à experiência de contraste radical frente à população local. Os albergues, então, seriam «zonas de contato» (Clifford, 1992) passíveis, obviamente, de se tornarem palco de conflitos. Concebê-lo apenas pelo prisma da harmonia ou do equilíbrio incorreria no erro de não aceitar o *gap*, novamente de acordo com Wilson e Richards (2004), existente entre uma imagem difundida, uma ideologia (*hostel* como lugar de paz, alegria, de exercício comunitário), e prática de viagem em si, recheada de tensões. Assim, a *ambiguidade* também deveria ser colocada como traço constituinte da natureza de tal espaço de acomodação.

Torna-se necessário ressaltar que tais interações vivenciadas no *hostel* repercutem diretamente na construção do olhar (Urry, 2000) *backpackers*. Ao interagir de forma próxima com o *staff* do *hostel*, por exemplo, *backpackers* estão diante da oportunidade de driblar a lógica dos cartões postais, elementos que se aproximam mais de «ideais que integram narrativas de consumo para visitantes» (Barreira, 2008: 107) que da cidade propriamente vivida. Por esta via, emerge uma nova prática de turismo, por parte deste coletivo específico de viajantes, valorizando, inclusive, os contrausos da cidade (Leite, 2007). O olhar, portanto, parece constituir-se no interesse daquilo que Welk (2004) chamou de *beaten track*: outros caminhos, a exploração e a valorização de fissuras, de brechas, do inusitado, do radicalmente diferente, em termos de experiência turística, implicando, no limite, uma espécie de *anti-tourism*. Mas é preciso lembrar que por mais diferente que possa ser a experiência turística de *backpackers*, estes, sobretudo, aqueles que necessitam trabalhar para experimentarem a viagem, necessitam dos turistas *home plus*, do turismo de massa. Para estes viajantes, *San Telmo*, por tudo que já foi dito até aqui, torna-se um ponto central.

Por isso, Buenos Aires e mais especificamente, *San Telmo*, a praça e sua

feira, é um ponto de chegada ou de partida, sobretudo, no verão, pois a alta temporada, torna-se ideal para arrumar um emprego temporário nos bares e cafés, para a venda e divulgação de trabalhos relacionados à arte (espetáculos, música e artesanatos). Parte do verão, muitos de meus colegas *backpackers* (garçons, artistas e artesãos) conseguiram juntar o necessário para irem a praia em *Mar Del Plata* ou ao Uruguai. Outros preferiram rumar em direção ao norte, a Jujuy e suas montanhas, e foram ao famoso Carnaval de *Potosí*, na Bolívia. Para alguns as vendas foram animadoras, e estes chegaram até *Cuzco*, no Peru. Nesta localidade, pela grande rotatividade de turistas, foi fácil juntar o necessário para regressar a capital argentina. Conheci também artistas/artesãos (porteños/as) que no verão capitalizaram o máximo que puderam com suas vendas/lucros em *San Telmo*. Quando o inverno chegou, eu voltei para casa e eles/elas foram à Europa e passaram um tempo por lá, vivendo, claro, de seu próprio trabalho. Pelo que percebi estas viagens ao velho mundo, são animadas, muitas vezes, pelas redes tecidas na praça ou na feira e com elas laços que podem gerar um abrigo temporário, um «surfe pelo sofá do outro». Sem o *facebook*, acompanhar estas trajetórias seria impossível.

Agora, deixem-me descrever o domingo no bairro. Dia de descanso ou lazer para muitos *mozolas*, *mezeros/as*, *backpackers*, até as 18:00 horas, pois pelo intenso fluxo de pessoas parte dos bares e cafés não conseguem abrir suas portas antes deste horário. A um só tempo, é dia de muito trabalho para aqueles que se dedicam ao artesanato, ao comércio informal, ao mercado das antiguidades (o comércio de memórias) e ao mundo das artes de modo geral.

Domingo, desde as primeiras horas do dia, a *Plaza Dorrego*, palco de intensas vivências transnacionais, de movimento tranquilo durante a noite e madrugada, rompido apenas pela algazarra dos jovens que ali se encontram durante a madrugada e pela forte sonoridade dos ônibus que circulam da rua *Bolívar* em direção ao bairro *La Boca*, da Rua *Defensa* para o centro, e da *Rua Brazil* rumo a *Avenida Paseo Colon*, se prepara para uma grande transformação.

O bairro (transformado em uma grande feira ao livre) ganha a visita de pessoas de outras regiões da província de Buenos Aires e de outras províncias do país que vão até ela para passear, relembrar memórias do passado presentes nos objetos antigos vendidos na feira, tirar fotos, fruir com a feira, apreciar os

espetáculos de tango, de *jazz*, *rock and roll*. Sem contar as apresentações de *Murga* e *Candombe* que geralmente se concentram no *Parque Lezama*. Deste local inicia-se um tipo de cortejo da *Rua Balcarce* rumo a *Rua Carlos Calvo*, onde residi (no *hostel* e depois em um modesto apartamento). Este emaranhado de gente, forma um fluxo de milhares de pessoas que sobem e descem o eixo principal da feira: da *Rua Defensa* desde a *Rua Cochabamba* até as proximidades da *Plaza de Mayo*.

Ao longo do eixo principal da feira os comércios formal e informal se misturam. *Manís*, roupas, brinquedos, camisetas, porcelanas, antiguidades, *souvenires*, *empanadas*, *pasta flora*, incensos, *pan relleno*, *artesanías hippies*, café colombiano, suco boliviano, espetáculos de tango, *jazz*, *blues*, teatro, artes populares... Tudo isso e um pouco mais é oferecido. Neste trecho artesãos e o comércio hippie estendem seus panos coloridos no chão com seus trabalhos. Muitas vezes, sentados junto ao meio fio das calçadas. Todas as ruas, e sobretudo, o eixo central da feira, fica tomado pelo comércio *hippie*, tornando-se impossível adentrar em lojas ou em um apartamento que tenha sua entrada, defronte a uma destas ruas. As esquinas desaparecem em meio a multidão: tornam-se palcos para os shows dos artistas de ruas.

Os coletivos de jovens viajantes *backpackers* se juntam nas calçadas, atrás dos panos com artesanatos, sentados lado a lado (com artesãos) conversando e geralmente circulando na roda garrafas de cerveja ou vinho (dependendo da temperatura ambiente) como fazem nas reuniões noturnas, mas neste caso, compradas em algum mercado, cujo dono é, majoritariamente, chinês e seus empregados bolivianos⁸. Ou seja, para além do aspecto meramente econômico (o dia mais rentável para artesãos/artistas), a feira serve como espaço de lazer e socialidade, um tipo de «pedaço» (Magnani, 2001) que congrega vários coletivos, enfatizando a cada esquina, roda de conversa, o universo globalizado de *San Telmo*, mas, uma globalização de baixo para cima, ressaltada na formação de uma cultura *backpacker*, na presença de chineses, bolivianos,

8. Aliás, a diáspora chinesa, atualmente, a que congrega o maior número de pessoas, invade Buenos Aires. Pouco se sabe sobre a migração, a presença chinesa na província. Visualmente, é perceptível que suas atividades econômicas se concentram em pelo menos três frentes: mercado, lavanderias e comércio popular de rua. Em *San Telmo*, é difícil encontrar um mercado cujo proprietário não seja chinês. Igualmente acontece com as lavanderias. E aos domingos, eles também estão presentes por toda a extensão da feira, vendendo, sobretudo, tênis de marcas famosas como *Nike* e *Adidas*.

latinos, trabalhadores e/ou turistas, intercambiando conhecimentos e serviços, nos mostrando, outros modos de conectar o local e o global.

Muito se discutiu sobre globalização nas diversas áreas e disciplinas das Ciências Sociais e Humanas. Inúmeras obras/autores, cercam este fenômeno com definições que assentam seus marcos nas grandes viagens marítimas e expansão da economia política europeia dos séculos XV-XVI, passando pela sofisticação das tecnologias de transporte e comunicação no século XX e aportando na era do *cyber espaço* (Canclini, 1999). Tudo isto é complexificado pela formalização de instituições político-financeiras de cunho global, de empresas multinacionais de interesses transnacionais (Ribeiro, 2003; Caclini, 1997).

No entanto, minha discussão não é sobre esta globalização hegemônica (Canclini, 1997) e sim, acerca daquilo que estes autores chamaram de fraturas da globalização, suas ranhuras e fissuras. Meu principal interesse reside na «globalização popular» ou em «outras globalizações», seus agentes alternativos e movimentos «de baixo para cima» (Ribeiro, 2006). As abordagens destes autores não se resumem a estudar os movimentos contestatórios, antiglobalização. Tais perspectivas se abrem também para «fluxos que ocorrem rebocados pela locomotiva hegemônica ou posicionados em uma condição marginal» (Santos, 2013: 23). Deste ponto de vista *backpackers* indicam uma outra face do turismo e da globalização como busquei apresentar.

Backpackers que me ocuparam aqui, além de autênticos atores da globalização popular, de «outras globalizações,» podem ser identificados e diferenciados como cosmopolitas (todos com os quais convivi se declaram cidadãos do mundo, mesmo que juridicamente isto não lhes seja possível, ou mesmo pelo fato de muitos se encontrarem com o visto em situação irregular) ao manifestarem o desejo de se relacionarem com outras culturas, ou de sentirem-se livres para assim agirem (Hannerz, 1990). Suponho que estes jovens querem experimentar o que Baumam (2004: 04), em uma conferência na cidade de Milão, chamou de *mixofilia*:

um forte interesse, uma propensão, um desejo de misturar-se com as diferenças, com os que são diferentes de nós; é humano, natural e fácil de entender que se misturar [...] abre a vida para aventuras de todo tipo, para as coisas interessantes e fascinantes que poderiam acontecer. Pois, talvez

assim se viva algo precioso, que não se conhecia antes daquele momento.

Digo isto, primeiro, pelo fato de que a maioria destes colegas *backpackers* que unem viagem e trabalho, sentem-se cidadãos do mundo, manifestam um forte desejo de liberdade tanto das fronteiras do Estado-nação ao qual pertencem, como dos modelos sociais aceitos relacionados ao trabalho, especialmente, aquele no qual desenvolvemos uma atividade laboral para nos fixar em um emprego, comprar uma residência, criarmos raízes. Para eles, o trabalho serve para libertar, trata-se de um meio de se movimentar. Segundo, pelo fato de quererem algo a mais que o turista de massa, afoito mais em documentar com imagens suas viagens para assim se mostrarem em suas redes sociais, e dizerem com imagens, eu estive lá. Algo semelhante aos nossos ancestrais da etnografia moderna. Este algo a mais, buscado pelo viajante *backpacker* diz respeito a abertura para a cultura do outro, o contato, o estabelecimento de laços de afeto, uma vontade de aprender, de se misturar. De experimentar as cidades a partir da visão daqueles que nela cresceram e a usam cotidianamente. As fronteiras territoriais e legais do Estado-nação não os prendem, pois sabem driblar suas regras de permanência, sabem o que fazer para respeitar o tempo que necessitam para transformarem uma viagem em uma aventura de perto e de dentro, mesmo que em alguns casos, isto implique em irregularidade jurídica. Enfim, agem e pensam como cosmopolitas.

No entanto, se para Hannerz (1990), o sujeito cosmopolita não negocia com outra cultura, mas aceita-a como uma totalidade, adoto uma posição negociada com este autor, relativizando sua noção, ao aceitar algumas de suas proposições e recusar outras.

Assim, mais vale apropriar-me de sua noção de cosmopolitismo como um estado mental de abertura à diferença, à cultura do outro⁹ (sei que estas primeiras impressões etnográficas dizem pouco sobre o estado mental cosmopolita de viajantes *backpackers* em *San Telmo*). De qualquer forma, a relação deles com o deslocamento (de si ou do outro) incorpora – se não uma aber-

9. Para Hannerz (1996b: 103) – *apud* Ribeiro (2003: 10) –: «o cosmopolitanismo se constitui como uma «orientação, uma vontade de engajar-se com o Outro. Implica uma abertura intelectual e estética com relação a experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes mais do que por uniformidade. (...) Cosmopolitas podem ser diletantes tanto quanto *connaisseurs*, e comumente são ambas as coisas, em momentos diferentes.

tura consciente à cultura do outro, à diferença – uma inevitável convivência. *Backpackers*, sobretudo, aqueles que optam trabalhar durante a viagem para vivenciarem mais de perto o local/nativo, guardam fortes relações com o deslocamento, a diversidade e a diferença. Nos espaços em que geralmente trabalham na *Plaza Dorrego*, nas reuniões e confraternizações noturnas e aos domingos na feira de *San Telmo* circulam pessoas de diferentes localidades, culturas e nações. Por isso, os espaços elegidos em *San Telmo* (por estes jovens viajantes) se constituem como lugares propícios ao encontro de diferentes trajetórias, que se deslocam ou se constituem no próprio deslocamento e na incorporação da diferença.

Seguindo esta perspectiva, esta pesquisa etnográfica sobre *backpackers*, em curso, em movimento, pode criticar alguns teóricos da mobilidade¹⁰. De acordo com Ribeiro (2003), o sentimento e o fenômeno cosmopolita não se restringem ao mundo ocidental, tampouco, é uma representação da elite. Para o autor, intensos movimentos migratórios globais dos últimos séculos aumentaram a quantidade de coletivos desenraizados, e contribuíram para complexas segmentações étnicas, nacionais e urbanas, o que iniciou redes transnacionais e culturas diaspóricas que, entremeadas com os efeitos dos meios de massa, criaram – e seguem criando – «processos de cosmopolitismos e «globalização populares»¹¹. Os fluxos de globalização popular existem há muitos séculos,

10. Por exemplo, a discussão sobre mobilidade nos escritos de Bauman (1998). Para ele, na atualidade, a sociedade de consumo vive em movimento, pois a mobilidade geográfica é um fator de diferenciação social fundamental. O acesso a mobilidade global, em suas palavras, «se transformou no mais alto fator de estratificação» (Bauman, 1998: 115). Keane (2003) também reconhecem que mobilidade não é um direito de todos, e não acontece para todos: a mobilidade ainda é um privilégio relativo (idem, p. 21). Quando falo em contrapor estes autores, penso numa expansão da ideia de mobilidade, bem como, da ideia de cosmopolitismo ao me debruçar sobre a «globalização popular» promovida pelos mochileiros que não se constituem necessariamente como fazendo parte da elite financeira.

11. Noutro artigo, sobre a condição da transnacionalidade, Ribeiro (2003: 12) afirma que, «a aceleração e intensificação do fluxo de pessoas em escala global não envolvem apenas atores grandiosos e com uma inclinação consciente para o transnacionalismo. Elas também criam um mundo onde uma quantidade maior de alteridades pode ser experimentada por atores sociais que não são necessariamente membros de elites... Entre estes destacam-se turistas internacionais, migrantes internacionais e transmigrantes».

haja vista a antiga e constante circulação de marinheiros, prostitutas e escravos (Ribeiro, 2003); ou missionários, mercadores, peregrinos e policiais (Clifford: 1992).

Portanto, tais processos de fluxos não são um fenômeno recente e os antropólogos não são os únicos a falar dos mesmos. O termo fluxo já se tornou indisciplinar: um modo de fazer referência (i) às coisas que não estão congeladas, (ii) à mobilidades e expansões variadas, (iii) à globalização em muitas dimensões e escalas. Fluxo, como várias outras palavras-chave ligadas à globalização, aponta, portanto, para uma macro-antropologia, um ponto de vista abrangente da coerência (relativa) e da dinâmica de entidades sociais e territoriais bem maiores do que às convencionalmente abordadas pela disciplina que praticamos.

Ong (1999; 2006) tem contribuído nesse debate sobre a circulação internacional de pessoas, formas de poder e bens simbólicos. De um modo extremamente produtivo, suas interpretações nos revelam a importância da etnografia, ressitando problemas de pesquisa ao colocar em primeiro plano, os modos de percepção da experiência de imigrantes e viajantes, diante de diversos agentes sociais. Em seus trabalhos os sujeitos atravessam diversas fronteiras e tramas relativas às noções de «cidadania». Esta autora nos provoca pensar sobre como sujeitos variados experimentam contextualmente o que entendemos por modernidade, mobilidade, fluxos culturais e cosmopolitismo. Ela nos propõe compreender as formas como são incorporados novos valores resultantes de uma adequação do capitalismo global às realidades locais, e neste processo pensar sobre quais são seus «agentes e protagonistas populares» relevantes na distribuição de poderes e saberes que passa pelo cosmopolitismo, pela transnacionalidade.

Isto significa estar aberto, por exemplo, para a possibilidade de, seguindo as ideias de Ribeiro (2003: 02) em seu artigo sobre a condição da transnacionalidade,

modificar as nossas concepções sobre cidadania para encompassar uma clara sensibilidade e responsabilidade com relação aos efeitos das ações políticas e econômicas em um mundo globalizado. É o reconhecimento de que qualquer novo movimento que se alça sobre o horizonte necessita ser regulado por um contrário. Esta é a única garantia que temos de que uma só tendência não colonizará, de maneira totalizante, todo o espaço que possa encontrar.

Por tudo isso, incluo nesse movimento de outras globalizações e cosmopolitismos *backpackers* que com pouco dinheiro (sem o auxílio de recursos vindos de familiares), viajando e trabalhando, hospedando-se em *hostels* ou na casa de nativos por meio de redes informais ou formais como a *couchsurfing*, querem conhecer o mundo, vivendo experiências densas de aprendizado de si e do outro. Até então, esta pesquisa mostrou-me que *San Telmo*, nas últimas décadas, tem cada vez mais seduzido este viajante *backpacker*, atraído no verão pela possibilidade de farto trabalho nos bares e cafés e para aqueles que são artistas e artesões a feira também é um grande atrativo. *San Temo* como ponto de partida e/ou chegada, parece se tornar referência importante na viagem do *backpacker* europeu pela América Latina. Números não oficiais falam de algo como um milhão de jovens estrangeiros circulando em nosso continente por ano. Números que impressionam e nos abrem diversas possibilidades de etnografias.

Referências

- ARANTES, Antônio Augusto (2006). O Patrimônio Cultural e seus usos nas cidades contemporâneas. Anais da XXVI RBA. Goiânia [CD Room]
- APPADURAI, Arjun (1990). Disjuncture and difference in the global cultural economy. Em Mike, Featherstone (org.), *Global Culture*. Londres: Sage Publications.
- AUGE, Marc (1994). Os não-lugares. Campinas: Papirus.
- BAUMAN, Zygmunt (1998). La globalización. Consecuencias humanas. México e Argentina: Fondo de Cultura Económica.
- . (2006). Confiança e medo na cidade. Lisboa: Relógio D'água.
- BARRETO, Margarida (2003). Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas, SP: Papirus.
- CANCLINI, Nestor (1995). Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ.
- . (1997). Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP.
- CRAPANZANO, Vicent (2004). Imaginative horizons: an essay in literary-philosophical anthropology. Chicago: Chicago of University Press.
- CLIFFORD, James (1992). Routes. Travel and translation in the late twentieth century. Cambridge: Harvard University Press.

- DUANY, Jorge (2002). «Nación, migración, identidad. El transnacionalismo en el Puerto Rico». Nueva Sociedad (mar-abr): Puerto Rico.
- FUNARI, Pedro Paulo (2007). Arqueologia e patrimônio. Erechim: Habilis.
- GIROLA, Maria Florencia (2011). Recentrando la centralidad: procesos de re-qualificación urbana y espacio público en la ciudad de buenos aires desde una perspectiva etnográfica. Cuaderno Urbano. Espacio, Cultura, Sociedad 10 (10)
- HANNERZ, Ulf (1990). Cosmopolitas e locais na cultura global. Em: Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes.
- HARVEY, David (1989). The Condition of Post-Modernity. Oxford: Basil Blackwell.
- KAPLAN, Caren (1996). Questions of travels: postmodern discourse. London: Duke University Press.
- KEANE, John (2003). Unfamiliar words. Global civil society? Cambridge: Cambridge University Press.
- KORSTANJE, Maximiliano (2008). La viaje: rutas globales. Barcelona: Hermes.
- LASH, Scott e Urry, John (1994). Economies of signs and space. London: Sage.
- LATOUR, Bruno (2005). Reassembling the Social. Oxford: Oxford University Press.
- LEITE, Rogério Proença (2007). Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp; Aracaju: Editora UFS.
- MAGNANI, José Guilherme (2001). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp.
- MURPHY, Laurie (2001). Exploring social interaction of backpackers. Annals of tourism Research.
- OLIVEIRA, José Rui (2005). Turismo backpacker/mochileiro. Em: Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca.
- ONG, Aihwa (1999). Flexible citizenship: the cultural logics transnationality. Durham: Duke University Press.
- . (2006). Neoliberalism as exception: mutations in citizenship and sovereignty. Durham: Duke University Press.
- PIETERSE, Jan Nederveen (2004). Globalization and culture. Global mélange. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- RABOSI, Fernando (2004). Nas ruas de Ciudad del Este. Vidas e vendas num

- mercado de fronteira. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional: UFRJ.
- RIBEIRO, Gustavo Lins (2003). *Cosmopolíticas. Postimperialismo. Cultura y Política em El mundo contemporâneo*. Bracelona: Gedisa Editorial.
- . (2007). «El sistema mundial no-hegemónico y la globalización popular». In: *Série Antropologia*, n.410. Departamento de Antropologia UNB. Brasília
- . (2008). «Otras globalizaciones. Procesos y agentes alter-nativos trasnacionales». *Alteridades*. 18 (36). Colômbia.
- RICHARDS, Greg e Wilson, Julie (Orgs.) (2004). *The global nomad: backpacker travel in theory and practice*. Great Britain: Cromwell Press.
- SANTANA, Agustín (2009). *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph.
- SOUZA, Jessé & Oelze, Berthold (1998). *A aventura. Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB.
- STRATHERN, Marylin (1999). *Property, substance and effect. Anthropological essays on persons and things*. London: Athlone Press. *Collected essays*.
- . (1996). «Cutting the Network». *Journal of the Royal Anthropological Institute* 2 (3): 517-535.
- TAMAZO, Isabela (2002). «A expansão do patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios». *Série Antropologia*, Brasília: UnB.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. (2001). *A viagem como experiência significativa*. Em: Panosso Neto, Alexandre; Gaeta, Cecília. *Turismo de experiência*. São Paulo: Editora Senac.
- URRY, John (2000). *Mobile cultures*. Draft. Published by the Department of Sociology. Lancaster University. Disponível em: <http://www.comp.lancaster.ac.uk/soc30ju.html>
- WELK, Peter (2004). *The beaten track: anti-tourism as an element of backpacker identity construction*. In: Richards, Greg; Wilson, Julie (Orgs.). *The global nomad: backpacker travel in theory and practice*. Great Britain: Cromwell Press.

Sobre el autor

FERNANDO FIRMO es Doctorado en Antropología, Universidad de Brasilia, y Posdoctorado en Antropología, Universidade Federal da Bahia. Actualmente es profesor adjunto del Departamento de Antropología e Etnología de la Universidad Federal da Bahía. Su correo electrónico es <ffirmo.mg@gmail.com>.

